

Profª Dra. Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos



Além da Margem

MULHER / MÃE /
PROFESSORA / ARTISTA /
PESQUISADORA DAS ARTES
VISUAIS NOS CONTEXTOS
SOCIOPOLÍTICOS
CONTEMPORÂNEOS

A indissociabilidade das atuações femininas no espaço acadêmico



O Corpo da Historiografia:
É nesta interseção de pesos e medidas que reverberam as pressões cotidianas do ensino, da pesquisa e da extensão nas universidades.

● O trânsito geográfico e temporal da escrevivência

Escrevivência (Conceição Evaristo)

Lugar de Nascimento

- O território histórico e afetivo.
- Raízes colonizadas e demarcações imaginadas.

Lugar de Pertencimento

- O território de escolha acadêmica e profissional.
- Onde a pressão e opressão social se materializam.

A metodologia que atua como argamassa: costura a memória e o tempo para dar sentido às vivências de uma mulher nordestina atuando no Sul do país. Utiliza as cosmogonias geográficas de Milton Santos para legitimar o corpo como território.



O Chão que Pisamos: Território e Narrativa

MILTON SANTOS

- O Conceito: Território
- A Dinâmica: Do lugar de nascimento ao lugar de pertencimento.
- O Impacto: O espaço não é neutro; carrega as marcas da colonização, fronteiras imaginadas e demarcações de privilégio.

CONCEIÇÃO EVARISTO

- O Conceito: Escrevivência
- A Dinâmica: Costurar conceitos, vivências e memórias em primeira pessoa.
- O Impacto: A escrita de si como recusa ao epistemicídio. A narrativa que subverte a história oficial.

SÍNTESE:

Habitar o território acadêmico exige reescrever a própria presença.
O estar à margem torna-se potência.

As Raízes Coloniais do Ensino de Arte no Brasil

A história da arte brasileira foi erigida sobre o apagamento epistêmico e o pacto da branquitude.

A BÚSSOLA COLONIAL

(Missão Francesa 1816 & Academia Imperial)

A ARTE: Belas Artes (Pintura e Filosofia reservadas à elite).

OS MESTRES: Artistas estrangeiros, homens, jesuítas.

O OBJETIVO: Aculturação europeizante e alienação elitista.

O ESPAÇO SUBALTERNIZADO

(O Fazer Marginalizado)

O FAZER: Artesanato, pedra e madeira (Para os escravizados e povos originários).

AS PROFESSORAS: Mulheres da Escola Normal (1846), educadas para o cuidado, não para a prática artística.

O RESULTADO: A limitação da mulher ao espaço domesticado de educadora infantil.

O resultado histórico é o preconceito estrutural contra a Arte e seu ensino, reduzindo a atuação feminina à domesticidade.

A historiografia das Artes Visuais como um projeto de apagamento



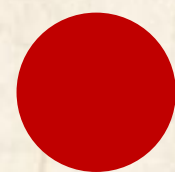
A Narrativa Hegemônica

- **Marco Histórico:** Missão Francesa e Academia Imperial de Belas Artes (1826).
- **Atores Privilegiados:** Homens jesuítas e artistas estrangeiros.
- **Concepção de Arte:** Arte do pensamento, elitista, europeizante, brancocêntrica (Filosofia e Pintura).
- **Objetivo:** Alienação massiva e manutenção de privilégios.

A Narrativa Subalternizada

- **Marco Histórico:** Escolas Normais (1846 em diante).
- **Atores Designados:** Mulheres normalistas e populações escravizadas/povos originários.
- **Concepção de Arte:** Artesanato, manualidades (pedra, madeira), cuidado infantil, arte como adorno.
- **Consequência:** O epistemicídio silenciou saberes e desenhou muros sobre o que é poder na Educação.

A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto. — Darcy Ribeiro



A engrenagem colonial travestida de excelência global



O novo sistema colonial global opera em alta velocidade. Ao tornar ordinária a sobrecarga, gera-se uma violência mental em que as profissionais são forçadas a operar como máquinas do desempenho descartáveis.

A Sociedade do Cansaço na Docência Universitária

A sobreposição de tarefas não é acaso;
é um novo sistema colonial global.

MÉTRICAS & RANKINGS:

A vigilância do QS World e exigências CAPES.

A maternidade vira um território em disputa.

O cuidado conflita com os curtíssimos prazos de editais.

A fragmentação gera exaustão.

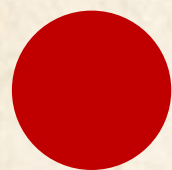
BUROCRACIA & PRECARIZAÇÃO:

A sobrecarga de demandas como ferramenta de controle invisível.

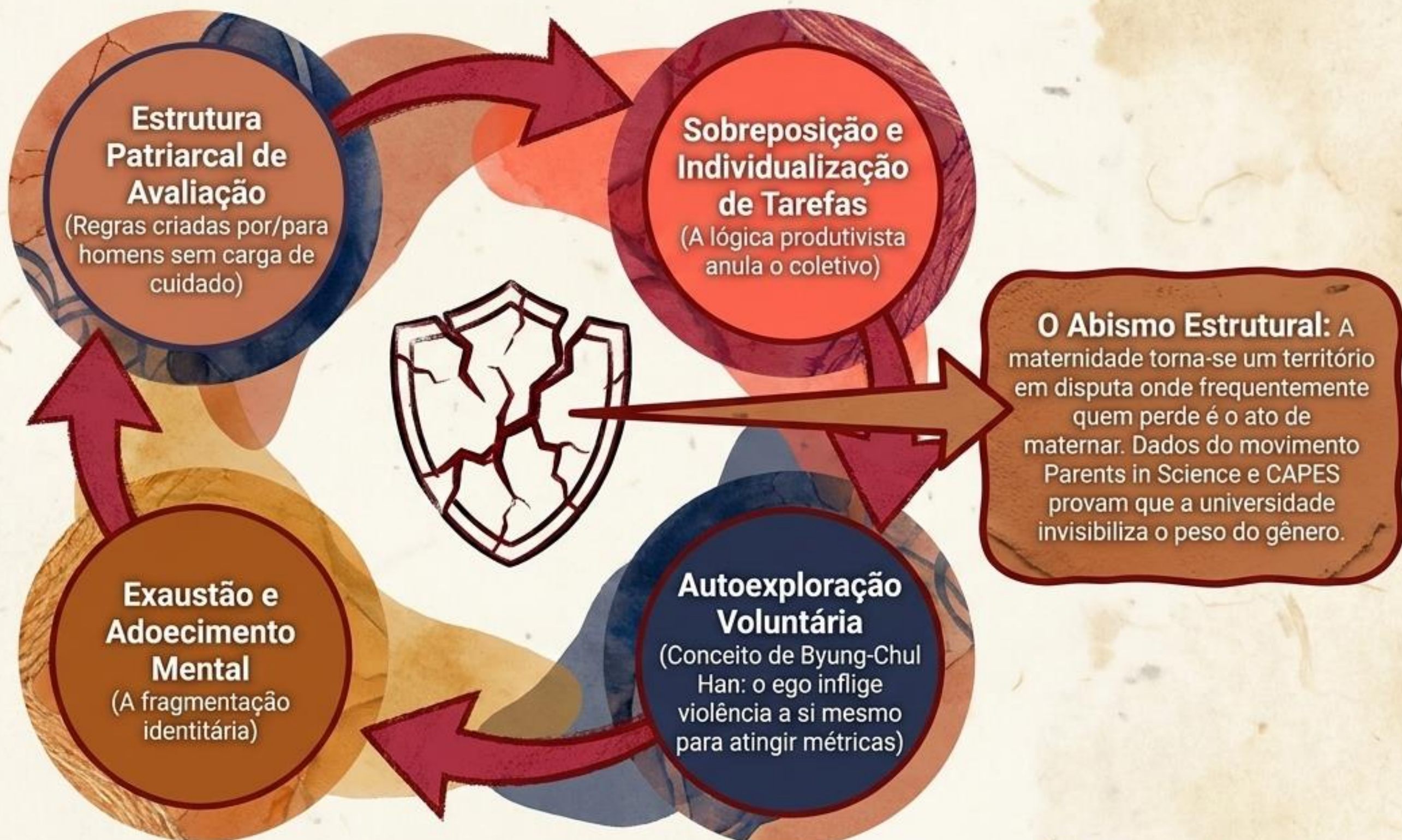
AUTOEXPLORAÇÃO:

A violência mental da produtividade contínua (ref. Byung-Chul Han).

O sistema foi projetado para substituir peças defeituosas por novas, ignorando propositalmente o adoecimento mental das mulheres.



A Sociedade do Cansaço e a expulsão da maternidade



O sintoma em sala de aula: o esvaziamento cognitivo

Docentes sem tempo de reflexão.

Táticas do sistema para diminuir barreiras críticas (relativização do tempo).

Discentes incapazes de aprofundamento em textos longos e complexos.

Falas pré-programadas mediadas por Inteligência Artificial; sujeitos fora da linguagem própria.

O **projeto original de alienação** (iniciado no século XIX) continua: estamos formando pessoas **acríticas**, atuando apenas como consumidoras de imagens e produtos, perpetuando o ciclo colonial das elites.

A interseccionalidade da opressão: Geopolítica e Gênero



Primeira Classe

As filhas da casa
(Privilégio direto de berço
institucional e local).

Segunda Classe

Provenientes do Sul, Sudeste e
Centro-Oeste (Validadas pelo
pacto da branquitude e
território valorizado).

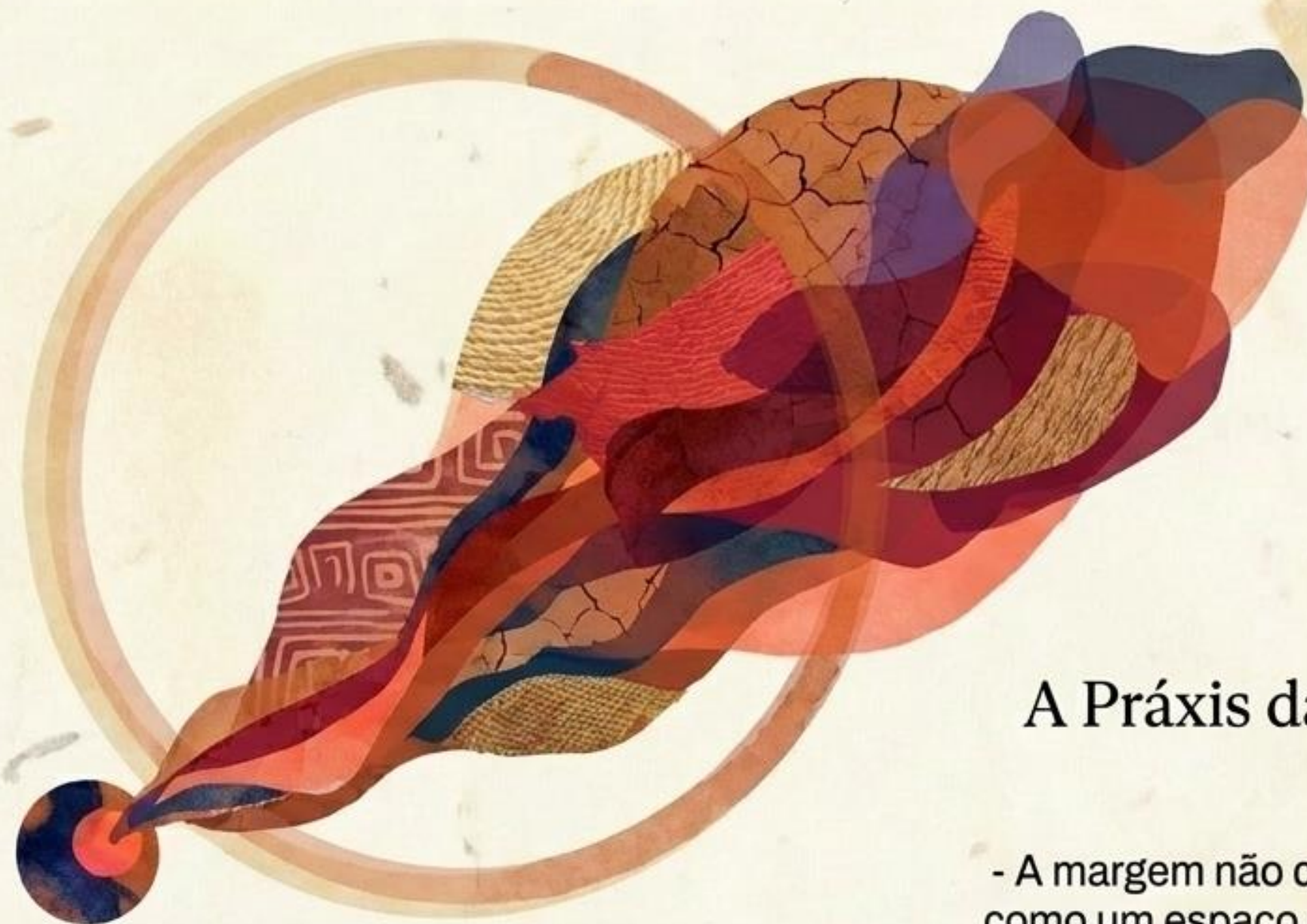
Terceira Classe

Provenientes do Norte e
Nordeste (Enfrentando o
racismo estrutural e xenofóbico).

A invenção do Nordeste (Santiago, 2025).

O preconceito não é apenas social, é metodológico e científico. Avalia-se competência através da régua do território, gerando uma violência silenciosa invisível para o resto da sociedade.

Ressignificando a margem: da subalternidade ao poder



A Falácia da Subalternidade

- A premissa arraigada de corpos nordestinos como desnutridos de saber e poder.
- A margem como local de isolamento imposto pela colonialidade.

A Práxis da A/r/tografia (Rita Irwin)

- A margem não como limitação, mas como um espaço potente de conveção entre identidades (Artista, Professora, Pesquisadora) e tempos diferentes.
- A decisão de acolher o próprio território e falares como forma de resistência metodológica.

A Identidade Múltipla nas Artes Visuais

Mulher: O corpo marcado pelo gênero e pelo patriarcado.

Professora: A herança da escola normal e a vocação imposta.

Mãe: O cuidado subalternizado e o conflito do tempo.

Artista: A práxis sensível e a produção poética.

Pesquisadora: A exigência intelectual e a métrica produtivista.

Essas atuações não são divisíveis. O ambiente acadêmico falha ao fragmentá-las, impondo pesos e medidas que silenciam o corpo real em prol de uma fôrma colonial.



Estratégias de (Re)existência: A virada decolonial

(RE)EXISTIR

Revisão Histórica (Vázquez)

Identificar e desafiar os silenciamentos estruturais na historiografia da Arte. O sujeito assume papel transformador da realidade.

Ética Contra- Hegemônica (Quijano)

Questionar a colonialidade do saber e do poder. Parar de buscar validação apenas em referenciais brancocêntricos.

Pluralidade Epistêmica (Carneiro, Azoulay, Povinelli)

Confrontar o eurocentrismo com saberes territorializados, cosmogonias afrodiaspóricas, indígenas e feministas.

A práxis docente deixa de ser apenas sobrevivência individual para tornar-se uma ação coletiva e direta.

Práxis Decolonial: Do Incômodo à (Re)existência

Assumir o estar à margem não como subalternidade, mas como potência de transformação.



PILAR ÉTICO

Romper o pacto
narcísico da
branquitude e
enfrentar o racismo
estrutural nas
instituições.

PILAR ESTÉTICO

Valorizar
cosmogonias
afro-diaspóricas e
latino-americanas em
oposição ao
currículo europeizante
(ref. Sueli Carneiro,
Arthur Bispo do
Rosário).

PILAR POLÍTICO

Aliar teoria e práxis
(A/r/tografia).
Exercer a
conscientização
diária contra a
privatização e
terceirização do
saber.

A FUNDAÇÃO: Uma postura que questiona a colonialidade do saber,
confrontando a historiografia hegemônica com novos registros.

O rompimento do pacto

Que docentes estamos nos tornando e formando nos contextos sociopolíticos contemporâneos?

Até quando nós, mulheres, estaremos em conformidade e aceitação pactual com esta programação acadêmica exaustiva? A presença das mulheres nas universidades não pode mais ser sinônimo de esgotamento. É preciso assumir o espaço e o tempo em que estamos para uma união de vez e voz.

Além da Margem. A práxis no tempo de abertura pela mudança.